

Masculinidades e pensamento dicotômico

Lucia Maria de Carvalho Aragão,¹ Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho buscou apresentar duas visões teóricas distintas sobre o processo de construção da masculinidade com suas respectivas consequências psicosssexuais, psicossociais e políticas, que convergem em seus questionamentos ao pensamento dicotômico. A complexidade dos processos em curso na construção de identidades de gênero e sua determinação intersubjetiva e cultural foram postuladas.

Palavras-chave: masculinidade, machismo, identificação/desidentificação, lógica fálica, diversidade/diferença

Introdução

Na sociedade em que estamos inseridos, podem ser observadas duas tendências de comportamento, por parte dos homens, que *parecem* andar em sentidos opostos. Por um lado, o machismo continua a imperar, apresentando-se como “uma rede que tende a infiltrar-se em todas as esferas da matriz social, exercendo um profundo impacto sobre o desenvolvimento psicosssexual e psicossocial tanto de homens quanto de mulheres” (Tylin, 2017, p. 221). O sintoma desse traço, no Brasil, são os chocantes índices de feminicídio e assédio sexual, além dos casos de violência e assassinatos de homossexuais, travestis e transexuais, fartamente documentados pelos meios de comunicação. Por outro, percebe-se um deslocamento de posições masculinas antigas, um estado de insegurança e confusão quanto à

1 Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Membro da Cowap Brasil/IPA. Psicóloga com especialização em clínica de adultos pela PUC-RJ. Doutora em Filosofia pela UFRJ.

própria identidade e função, em virtude de mudanças de atitude, maior independência e fortalecimento da posição das mulheres através dos movimentos feministas. Como indícios dessa outra onda, surgem, nos consultórios, relatos de pacientes dizendo estarem perdidos, se perguntando pelo lugar do masculino hoje. E é possível indagar: a igualdade de posições entre gêneros necessariamente provocaria uma indefinição dos contornos da masculinidade, ou na verdade apenas questionaria uma concepção estreita dela?

Este trabalho procura descolar-se das visões de masculinidade que permanecem presas ao pensamento dicotômico, que opõe masculino e feminino, em uma posição binária das diferenças sexuais. Quer apontar para aquilo que entrelaça os sexos, antecedendo a diferença sexual, assim como para o jogo de identificações cruzadas e complexas que formam e transformam seres sexuados em homens, mulheres, e outras designações, em que o papel da alteridade e da cultura se mostram significativos.

As análises realizadas por Tylim (2017) e Diamond (2013) apresentam concepções distintas do processo de construção da masculinidade. O primeiro coloca ênfase nos processos intrapsíquicos, enquanto o segundo se orienta por um viés intersubjetivo, onde as relações são fundamentais. Ambas, entretanto, tecem críticas ao pensamento dicotômico, ao advogar certa convergência entre masculinidade e feminilidade

Tais questionamentos, com base em referenciais distintos, só fazem ressaltar as limitações do binarismo.

Assim como no pensamento de Diamond (2013), a intersubjetividade orienta as perspectivas de Bleichmar (2013) e Fiorini (2017a, 2017b). As autoras se embasam no pensamento de Laplanche (2018), que sublinhou a dimensão intersubjetiva da atribuição de gênero, ao ser a identificação do sexo da criança feita pelo adulto, carregada de suas representações inconscientes sobre a sexualidade. Isso mostra para o *infans* a necessidade de traduzir essas mensagens enigmáticas, tarefa para a qual ele não tem recursos. Sobrecarregado, é pelo reconhecimento anatômico que ele adere à *lógica fálica* em que, ou se é portador do falo, ou se é castrado. Laplanche se torna um importante crítico dessa forma de identificação simplista, assim

como do binarismo, ao propor que o sexual infantil, isto é, a sexualidade perversa polimorfa se caracteriza pela diversidade e não pela diferença fálico/castrado. Por isso a identidade de gênero assim realizada seria fruto “de uma castração precoce” anterior ao conhecimento da diferença sexual e não faria jus à diversidade de gêneros possíveis.

Bleichmar (2013) se utiliza desse referencial laplanchiano somado ao pensamento de Diamond (2013) para tratar da masculinidade. Já Fiorini (2017a, 2017b) alude à distinção diversidade/diferença e se utiliza do paradigma da complexidade de Morin (2015) para mostrar a insuficiência do pensamento dicotômico e a possibilidade de pensar a diversidade não reduzida à diferença.

Duas teorias a respeito da construção da masculinidade

Tylim (2017) realiza uma análise crítica de uma masculinidade defensiva, oriunda da imposição ao menino de desidentificar-se de sua mãe e passar a identificar-se com o pai. Tendo como base a teoria da *separação-individuação* de Mahler (1982),² tal processo de desidentificação implicaria uma perda identitária significativa, pela necessidade de o menino rejeitar sua identificação com a mãe castrada para afastar quaisquer desejos passivos inaceitáveis em relação ao pai. Tais desejos desafiarão a confiança dos homens em soluções binárias, e poderiam questionar sua heterossexualidade, o que os levaria a buscar identificar-se com o pai fálico idealizado do mesmo sexo. Essa idealização do falo potente do pai, além disso, o protegeria da ameaça de uma possível dissolução, ao se desidentificar com a mãe.

Tal forma de construção da masculinidade tenderia a resultar no machismo. Segundo o autor (Tylim, 2017), o machismo seria uma forma desesperada, por parte dos homens, de evitar a angústia de castração e rejeitar seu lado feminino. É assim que deve ser entendida sua defesa contra a

2 Nela o bebê seguiria uma evolução desde uma fase autística, meramente fisiológica, passando pela simbiótica com sua mãe, até sua separação dela, quando já se torna um ser independente e capaz de se voltar para outras relações e para o mundo.

suavidade e a vulnerabilidade, não só como formação reativa contra desejos passivos, mas também como defesa contra a vontade universal concomitante de retornar à mãe pré-genital.

Expressando-se como uma ideologia claramente homofóbica, sua face perversa transpareceria na medida em que se transforma em visão de mundo e forma de dominação, numa dimensão que se estende do psicosssexual e psicossocial ao propriamente político, quando acaba por naturalizar as oposições entre masculino e feminino em sua forma de organizar o mundo e as diferenças sexuais a partir do suporte rígido do pensamento dicotômico, de tal forma que cabe ao homem o papel de sujeito e detentor do poder, e à mulher o de objeto, podendo ser usado e/ou abusado, e sempre controlado.

É nesse sentido que Tylim (2017) faz uma crítica a Freud: sua teoria da sexualidade teria contribuído para legitimar o pensamento dicotômico, ao acentuar as oposições da sexualidade humana, ao custo de sacrificar as similaridades e simetrias entre os sexos, o que teria acarretado dificuldades tanto para o menino alcançar a masculinidade quanto para a menina, a feminilidade. Ao estabelecer a descoberta da diferença sexual como o ponto central do desenvolvimento sexual, em que a fase fálica e a heterossexualidade constituem seu nível ótimo, num viés claramente desenvolvimentista e normativo, Freud teria ficado preso à teoria das consequências das diferenças anatômicas entre os sexos, estabelecendo como limites da psicanálise a angústia de castração para os meninos, e o sentimento de inferioridade e a inveja do pênis, para as meninas.

Contemporaneamente, entretanto, Tylim (2017) dá testemunho, na sua clínica nova-iorquina, de uma mudança na forma de seus pacientes masculinos lidarem com seu medo de castração e seus conflitos bissexuais. Para eles seria possível trazer à consciência desejos reprimidos ou negados de se identificarem com as mulheres, porque percebem que essa feminilidade dentro da masculinidade é inteiramente psíquica. Isso implicaria que, no campo da masculinidade, o homem pudesse estar mais à vontade com seu medo da passividade – aquilo que Freud qualificou como “não-analisável”.

assim como representaria aceitar os limites de sua própria heterossexualidade e a fluidez dos papéis de gênero.

Mas o machismo tornou-se ideologia, sentindo-se ameaçado diante da disseminação das *neosexualidades* e de novas versões da masculinidade,³ se reeditaria agora, como forma defensiva de reagir tanto aos questionamentos da lógica binária de oposição entre os sexos, quanto à desconstrução das estruturas de poder que submetem ou subalternizam as mulheres, além de discriminarem as formas identitárias LGBTQIA+. Tylim (2017) destaca a forma violenta dessa reação numa afirmação emblemática:

Nosso *zeitgeist* está cheio de machos que operam no domínio do que pode ser referido como “machismo alucinatório”. Para o homem macho, o mundo é um campo de batalha, e a brutalidade é considerada o núcleo da macheza. É transmitida através de gerações, de pais para filhos (Tylim, 2017, pp. 226-227).

Sua visão do gênero, baseada em Butler (2016), como construção de normas que o discurso regulatório e repressivo da sociedade sustenta, provocando sua internalização, insere os efeitos secundários psicológicos e sociopolíticos dessas normas em cenários de poder e dominação. A autora critica a categoria *gênero* em seu aspecto teatral, de encenação de uma construção social, onde é fundamental assegurar a repetição dessa performance para que essa estrutura normativa se perpetue. No caso do machismo, explica-se dessa forma a necessidade de repetir compulsivamente a performance para proteger essa construção e manter as estruturas de dominação.

Em uma perspectiva diferente do falocentrismo, caracterizado na crítica a Freud feita por Tylim anteriormente, algumas correntes psicanalíticas atribuem cada vez mais relevância às relações pré-edípicas com *ambas* as figuras parentais para a constituição da identidade de gênero. Mas não só. Sua importância igualmente se revela para uma futura triangulação edipiana, como ficará mais explícito no pensamento de Diamond (2013).

3 Ken Corbett (2009) oferece uma abordagem de uma masculinidade homossexual, por exemplo.

A obra desse autor representa uma importante contribuição ao tema da masculinidade por permitir pensar a manutenção das identificações femininas que o menino produz a partir da relação com seu objeto primário, sem que isso se torne um motivo de conflito e rejeição dessa parte que o constitui. Baseando-se nos questionamentos que Lyons-Ruth (1991) faz ao processo de *separação-individuação* de Mahler, M. (1982), a partir da teoria do apego, Diamond (2013) afirma que é no processo de *apego-individuação* que o menino adquire um sentido seguro de sua identidade masculina – a partir da *qualidade do apego* que ele tem a sua mãe. Da mesma forma, as identificações iniciais do menino com seu pai também permanecem importantes na sua estrutura psíquica, e se tornam cada vez mais acessíveis à medida que ele amadurece. Na verdade, quando o menino vai se distanciando da mãe e experimentando essa perda, a existência de um pai pré-edípico como *o segundo outro* de Greenspan (1982), citado por Diamond (2013), mitiga as tendências defensivas do menino de se separar abruptamente da mãe, ao mesmo tempo que lhe fornece um foco convencional para a identificação masculina.

Nas palavras de Diamond,

O menino que é capaz de realizar uma identificação com um pai disponível, que o ama, que possui um corpo e uma genitália como a sua – que é como o menino mas que se mantém independente e fora do seu controle – facilita a integração das identificações materno-femininas ao tornar possível a internalização de uma imagem paterna (representando uma masculinidade genital) na qual as qualidades *tanto* ativas e penetrantes *quanto* as receptivas e cuidadoras da *paternagem* do pai se tornam um fundamento para uma identidade de gênero masculina saudável. (Diamond, 2013, p. 12)

No pensamento desse autor todo esse processo se mostra complexo. A internalização da imagem masculina genital do pai pelo menino depende da natureza da relação entre o casal. Utilizando sua libido para fortalecer sua conexão com sua mulher, o pai oferece à criança um objeto de identificação capaz de localizar a masculinidade na matriz de relações

íntimas. No duplo papel de *pai cuidador* e de *amante excitante*, o pai ajuda o menino a reunir o *casal primário* no *espaço triangular*. Essa realidade triádica pré-edípica geraria uma fase edípica mais favorável.

Isso não quer dizer que o caminho da separação progressiva da mãe seja fácil, primeiramente do ponto de vista de reconhecê-la como sexualmente diferente – “a descoberta traumática da alteridade de Ogden” (1989), citado por Diamond (2013). Em segundo lugar, o menino tem que repudiar o apego erótico maternal inicial, lamentando profundamente a perda daquela relação diádica. Cabe mencionar aqui que para Freud a criação de uma imagem fálica de si mesmo serviria para atenuar essa experiência de perda de uma relação com um objeto de amor privilegiado que, além disso, permitiria que o menino readquirisse o controle do objeto, agora visto como separado. Segundo Lax (1997), citado por Diamond (2013): “O pênis visto como órgão superior seria uma forma de substituir o seio como objeto privilegiado, lançando a inveja do seio no inconsciente”.

“A ilusão defensiva e adaptativa da supremacia de seu equipamento masculino próprio” de Manninem (1992, p. 25), citado por Diamond (2013), serviria para o menino aliviar suas ansiedades de diferenciação e lhe permitiria defender-se das tendências depressivas de um objeto maternal ainda necessário, mas separado. O monismo fálico, com a definição do pênis enquanto órgão sexual por excelência, funcionaria como precaução contra o reconhecimento daquela falta, tornando-se assim uma possibilidade de manter a união onipotente e idealizada com o objeto materno (a mãe pré-genital). Tal *falicidade defensiva* se tornaria um obstáculo permanente para o desenvolvimento adulto e seria evidente tanto nas *ansiedades de fragmentação*, quanto no sentimento de *vergonha* que são evocados quando qualquer identidade masculina estável não pode ser mantida. A ela se oporia uma *falicidade adaptativa*, em que o orgulho do pênis fomentaria atividades criativas na infância, adolescência e sobretudo na idade adulta, implicando em neutralização do narcisismo fálico e integração com os aspectos genitais da masculinidade, segundo Diamond (2013).

Diamond (2013) esclarece que, com a possibilidade de manter as duas identificações, com ambos os objetos de apego, torna-se possível integrar

as duas posições que se alternam e nem sempre se coadunam, a saber: a posição fálica e a posição genital. A primeira é definida pelas qualidades essencialmente masculinas, ativas, de estender, atirar, penetrar, associadas à assertividade, agressão, força e potência para alcançar metas e desejos. Já a segunda se aproxima mais das qualidades geralmente atribuídas à feminilidade, por serem relativas ao afeto, ao cuidar, ao passivo. A integração das duas posições permitiria associar a satisfação genital com a ternura pré-genital de Balint (1948), citado por Diamond (2013), de tal forma que o homem deseja sua parceira, mas também se envolve afetivamente com ela. Enfim, aqui é possível desenvolver as capacidades de estabelecer conexões de intimidade e afeto.

Com a integração desses dois polos podendo ser realizada, isto é, da posição fálica e da genital, nem é necessário desvalorizar a feminilidade e, portanto, assumir um comportamento defensivo machista, nem fazer da agressividade a forma de atuar sobre o mundo; e, no outro polo, é viável aceitar guiar-se pelo viés do sentimento, da receptividade com os outros, da empatia, sem se sentir destituído de suas atribuições masculinas.

Os homens adultos que fossem capazes de desenvolver um ego ideal maduro que integrasse o ego ideal fálico com o ego ideal genital estariam livres de uma masculinidade bifurcada, “falicizada”, e conseguiriam desenvolver um sentimento de identidade masculina maduro, fruto de uma posição pendular entre as duas posições.

Diamond (2013) elabora críticas ao pensamento dicotômico rejeitando a ideia de uma profeminilidade, a qual o menino deve renunciar para alcançar a identidade de gênero – presente tanto em Greenson (1966,1968) citado por Diamond (2013), quanto em Stoller (1976/1982) – pois essa definiria a construção da identidade masculina de forma negativa: por não ser feminina. “O paradoxo se anunciaria quando se percebe que, nessa vertente, a coisa mais importante para um menino tornar-se homem seria *não ser uma mulher*” (Diamond, 2013, p. 2).

Carecendo de qualquer evidência, tal suposição de uma feminilidade primária, que culminaria numa cisão forçada entre o feminino e o masculino, apresentar-se-ia como problemática teórica e, clinicamente,

tendendo para a psicopatologização (Axelrod,1997) e Fast (1984), citados por Diamond (2013). Postula-se um conflito ou luta, em que se torna necessário para o menino desacreditar as identificações maternas para que possa internalizar o modelo paterno. Seria um jogo de soma zero, em que um tem que ser eliminado para que o outro possa ser assimilado. Desse jogo poderia surgir a *femifobia* – “um ódio inconsciente e um pavor da parte que o menino experiencia em si como feminina” – definida por Ducat (2004), citado por Diamond (2013), evidenciando uma falha no seu desenvolvimento e uma organização fálica defensiva que nega “a capacidade procriativa e as possibilidades de cuidar” de um homem, segundo Fast (1984, p. 73), citado por Diamond (2013). Percebe-se, portanto, que as análises de Tylim (2017) sobre a construção da masculinidade resultante no machismo e de Axelrod (1997), Fast (1984) Ducat (2004) e Diamond (2013) sobre o abandono da identificação com a mãe coincidem quando apontam para a patologização, para uma organização fálica defensiva.

Na visão de Diamond (2013), tanto a masculinidade (hipótese freudiana), quanto a feminilidade (hipótese de Greenson e Stoller) não seriam o estado natural para os dois sexos. Não sendo *inatas*, seria a partir das relações mais incipientes, identificações e fantasias de cada indivíduo com cada um dos membros do casal parental, em suas múltiplas formas, que masculinidade e feminilidade se construiriam. A masculinidade seria forjada pelos desejos iniciais do menino de ser *ambos* mãe e pai. Ao longo do caminho, haveria uma diferenciação progressiva em que entraria em campo uma identificação com um pai/substituto disponível, uma mãe capaz de reconhecer a masculinidade de seu filho, e um casal parental que reafirma e ama esse menino.

É importante perceber a complexidade dessa operação, que supõe uma *integração* entre ambas as identificações iniciais, demandando um trabalho à esfera psíquica que o modelo de desidentificação com a mãe não contempla, porque trabalha sobre oposição. Adicionalmente, teriam que ser incorporadas variáveis biológicas relacionadas a traços, desafios e conflitos intrapsíquicos relativos ao gênero. Para a construção da identidade de gênero de um menino, portanto, além dos fatores biológicos (tais como

um cérebro influenciado por hormônios e a masculinização do corpo), nas palavras do autor,

seria importante incorporar as marcas iniciais (*early imprinting*) das suas interações com suas figuras de apego primárias, suas relações de objeto internalizadas, os determinantes socioculturais prevalentes e, especialmente, suas reações determinadas psicodinamicamente a cada uma dessas influências. (Diamond, 2013, p. 4)

Na verdade, entretanto, a construção da masculinidade não se apresentaria como um processo natural nem simples. A partir das imposições sociais, segundo Diamond (2013), a socialização masculina operaria basicamente sobre o sentimento de vergonha, e os meninos cresceriam como homens não porque se sintam masculinos, mas tendo que conquistar e provar a sua masculinidade a todo instante. Nesse sentido, seu pensamento converge com a posição de Corbett (2009).

Pode-se observar, de todo esse desenvolvimento, portanto, que essa complexa construção da masculinidade evidenciaria dois aspectos da formação da identidade do menino: o intersubjetivo, pelas suas reações às interações realizadas com suas figuras de apego primárias, internalizando-as; e o sociocultural, através das demandas da sociedade de moldar sua identidade individual pela identidade de gênero masculina instituída socialmente como modelo a ser seguido, frente ao qual tem que se posicionar.

O viés intersubjetivo do eu e da sexualidade ressaltado

Bleichmar, E. (2013) dá grande ênfase à necessidade de se levar em conta a estrutura intersubjetiva do eu e da sexualidade para poder tornar claras as relações entre gênero e sexualidade. A introdução dessa intersubjetividade constitutiva acaba por produzir um enorme desafio ao pensamento dicotômico, que opõe sexo e gênero, feminilidade e masculinidade e o código binário rígido da castração: ter/não ter. Seu norte é o pensamento de Laplanche (2018), que não só coloca a precedência do gênero sobre o

sexo, situando o social previamente ao biológico, como também sobrepõe a atribuição (do sexo) à simbolização/identificação. Quando se atribui um sexo a uma criança é disparado um conjunto complexo de atos que a inserem na linguagem, no comportamento social e no ambiente familiar, o que revela a importância da dimensão do gênero para a identificação da criança. Sendo assim, a identificação primária dela, *menino* ou *menina* através do sexo biológico, ao invés de ser uma identificação da criança *com* o adulto, é uma identificação feita *pelo* adulto, o que desde então já indica o comportamento social que é esperado daquela criança.

A autora entende que a identidade de gênero inclui representações bem diferenciadas dos corpos da mãe e do pai mesmo antes de a criança perceber a diferença entre os sexos, mas que essas representações são sempre formadas pela percepção conjunta do sexo biológico associado ao gênero. Por meio de uma relação de apego, há uma comunicação veiculada pelo adulto à criança que não permite separar representações do corpo de identidades, como se fossem dois processos diferentes. Mais tarde, entretanto, em condições de *cisgenereidade*, isto é, quando se estabelece uma coincidência entre o sexo de nascimento da criança e sua identificação com o gênero que lhe é correspondente, o reconhecimento da própria masculinidade inclui um corpo que se vê igual ao próprio sexo e diferente do outro sexo, mas ao qual se associa também um gênero, ou seja, um conjunto de gestos, uma forma corporal, e modos de se relacionar. Ao longo de todo o processo de desenvolvimento da criança se evidencia a importância dos significados sociais do gênero que as representações conscientes e inconscientes da mãe e do pai sobre a feminilidade e sobre a masculinidade fazem transparecer nas suas modalidades de interação com o/a filho/filha, assim como na forma como o casal se relaciona entre si.

Bleichmar também se nutre das ideias de Diamond (2013), além das de Laplanche (2006/2018), e esclarece que o núcleo da identidade da criança depende muito mais de uma relação vivenciada com os pais do que de uma simples percepção de um corpo, de uma silhueta. Assim, quando um menino se identifica com seu pai, o núcleo que internaliza é a relação deste com a mãe. Dessa forma, suas identidades pertencem não só ao

complexo de Édipo, no sentido estrito de tomar o sexo oposto como objeto sexual e o genitor do mesmo sexo como rival, ou tomar o casal parental como um casal sexual – mas também à performance de gênero da mãe, como mulher, e do pai, como homem, num sentido muito mais amplo de masculinidade e feminilidade.

Leticia Glocer Fiorini (2017a), por sua vez, alude à distinção laplancheana (2018) entre diversidade *versus* diferença, anteriormente abordada, para questionar a diversidade sexual reduzida ao binarismo. Embora reconhecendo que o binarismo está inscrito na linguagem, na cultura e no próprio psiquismo, pois, além da orientação sexual, a diferença sexual e a de gênero se fazem representar na constituição de meninos e meninas enquanto tais, – Fiorini (2017a) acredita que a lógica binária do *ou isso, ou aquilo* não pode dar conta de todas as formas de sexualidade, identidade, relações amorosas e parentalidade hoje vivenciadas. Para isso acredita ser necessário recorrer ao pensamento complexo de Morin (2015), que extrapola as simples oposições masculino/feminino, sujeito/objeto, cultura/natureza e tudo que elas implicam em termos de relações de poder e suas consequências para os processos de subjetivação.

Em relação à parentalidade, a autora (2017b) prefere qualificar como função *terceira* ou *simbólica* aquela mais adequada às novas configurações familiares que as funções materna e paterna tradicionais, pois a tarefa de cuidar, proteger, dar limites e horizontes pode ser realizada por qualquer designação de gênero. Da mesma forma, nessas novas configurações familiares, o complexo de Édipo, enquanto conceito nuclear familiar, precisa ser estendido para o transfamiliar, o transcultural e o transgeracional, pois as identificações se formam tanto a partir dos discursos vigentes como daqueles de gerações anteriores e culturas diferentes, e incluem pessoas que podem extrapolar o núcleo familiar, clássico ou não (Fiorini, 2017b).

Contemporaneamente, na discussão da questão dos gêneros, à *situação antropológica fundamental*, relativa à relação *adulto-infans* tal como descrita por Laplanche, apresentando uma crítica da redução da diversidade à diferença; e ao pensamento complexo, somaram-se as contribuições da teoria *queer*, que defende que não existem papéis sexuais biologicamente

inscritos na natureza humana, sendo fruto de construções sociais, isto é, de formas socialmente variáveis de desempenhar papéis sexuais. Butler (2016), um de seus expoentes, dialoga com a psicanálise, com Laplanche e Lacan, e advoga que as identidades de gênero não decorrem de opções nem naturais nem estáticas, mas, ao contrário, que são desde sempre construídas pelos códigos normativos dominantes na cultura. O objetivo da autora é apontar como toda a arquitetura simbólica de representações binárias de gênero se torna uma pesada estrutura de poder que constrói e aprisiona corpos e desejos que ali não se encaixam, diante das inúmeras combinações que atualmente se estabelecem entre sexo, gênero, escolha de objeto e práticas sexuais; diante das sexualidades nômades e da fluidez das identidades na contemporaneidade, permitindo migrações entre gêneros.

Já anteriormente referida por Tylim (2017), quer mostrar que o gênero se reduz a uma *performance*, encenada repetidamente à exaustão para atender às demandas sociais e à manutenção das relações de poder entre os sexos.

Reflexões finais

O viés psicanalítico permitiu identificar uma relação intrínseca entre machismo, homofobia e femifobia. A nível intrapsíquico, adotar uma posição machista equivale a defender-se das angústias de castração, o que exige apagar quaisquer vestígios de identificação materna e passar a modelar seu ideal de eu em torno da idealização de um pai fálico. A construção patológica da masculinidade se revela exatamente nessa exigência de escindir a parte constitutiva da identidade masculina oriunda da identificação do menino com a mãe pré-genital.

No pensamento de Freud (1914/2004) o sujeito é constituído através de sua identificação com seus objetos anteriores e, no campo da libido, não é capaz de renunciar a uma satisfação prévia com um objeto, de onde nasce a necessidade de incorporá-lo a si. Há, pois, numa perspectiva machista da masculinidade, uma exigência desmedida de se negar e anular uma das partes de que se constitui o menino. A alternativa de passar do amor ao

ódio a um de seus objetos constitutivos, – a mãe –, produziria nele intenso sofrimento, profundo recalque e exigiria dele acionar os mecanismos defensivos mais primitivos como, por exemplo, a cisão. O ódio inconsciente e o pavor da parte que o menino experimenta em si mesmo como feminina, remetendo-o à sua homossexualidade, quando desejou *ser* a mãe como objeto sexual do pai, inclusive dando-lhe um filho, traduz-se em atitude de rejeição e desvalorização de tudo que remeta à delicadeza, ternura, fraqueza e passividade, restando-lhe como alternativa exclusiva a brutalidade, frieza de sentimentos, força e vontade de dominação. Podemos constatar em nossa sociedade as consequências ampliadas disso.

Em termos psicosssexuais e sociopolíticos, a face perversa do machismo se revela em todas as suas nuances nas duas situações em que esses sentimentos se convertem: (a) em atitudes de ódio e violência em relação aos homossexuais ou quaisquer identificações de gênero que ameacem a visão de mundo binária, estruturada sobre a diferença entre os dois sexos; (b) em inferiorização, transformação das mulheres em objeto de prazer – leia-se abuso sexual – e/ou assujeitamento, a ponto de exercer controle sobre suas vidas e causar-lhes violência ou até mesmo a morte, o frequente feminicídio, quando elas ousam julgar-se seres de vontade e direitos, manifestando sua recusa em perpetuar relações abusivas. Essa reflexão remete ao pensamento de Tylim (2017).

Atitudes perversas como as associadas ao machismo encontram menor ou maior espaço para se manifestarem dependendo do grau de complacência da sociedade para com essa ideologia e práticas criminosas. Códigos familiares e sociais de identificação de gênero, oriundos de relações transfamiliares, transgeracionais e transculturais, endossam ou combatem a subalternidade, a objetivação e as violências sexual e física comumente associadas a elas. Nesse sentido, é importante considerar o papel simbólico das figuras de autoridade, com as quais identificações possam ser estabelecidas, dando limites e punições, ou, em sentido inverso, manifestando posições misóginas e/ou homofóbicas.

A uma construção patológica da masculinidade foi contraposta outra, integradora das fases fálica e genital, que faz jus à bissexualidade

psíquica do ser humano, possuidor, em sua constituição, de disposições tanto masculinas quanto femininas, como já preconizava Freud. O processo de construção do tornar-se homem passou a ser olhado de modo diferente quando, ao não desejar estabelecer uma identificação exclusiva com a masculinidade, entendeu-se que o menino pode integrar em sua identidade *ambas* as figuras parentais, a partir da qualidade de sua relação com elas e da própria relação entre elas. Essa vertente foi expressa através do pensamento de Diamond (2013).

Quando procuramos relacionar tais processos de construção da masculinidade com certas teorias psicanalíticas, percebemos que é possível associar uma falicidade defensiva, tal como a que predomina no machismo, com o falocentrismo, que acaba por veicular uma visão inferiorizada das mulheres ao preconizar a superioridade não só do órgão sexual masculino, mas também dos papéis, da *moralidade* (o supereu mais rígido diante da ameaça de castração, segundo Freud) e até mesmo da função paterna enquanto instituidora da Lei e do simbólico (o nome-do-pai de Lacan). Por outro lado, o kleinismo, ao privilegiar a relação decisiva da criança com a mãe e o seio, embora reconhecendo a presença do pênis do pai dentro da mãe e a figura dos pais combinados, não permite perceber a *importância* da relação pré-edípica do menino com o pai *em termos de identificação*, o que lhe permite fazer face ao poder materno.

Igualmente atribuindo papel significativo à função materna, Winnicott traz à cena a *maternagem* como determinante para a constituição do psiquismo. E embora assinale a importância do pai enquanto holding para a mãe e o bebê, permitindo a ela exercer os cuidados necessários à criança, não se ocupa da necessidade da *paternagem suficientemente boa*.

A questão tratada aqui é a necessidade de o menino ultrapassar uma falicidade bifurcada, integrando suas identificações e incorporando qualidades e funções tanto maternas, quanto paternas. Esse modelo, integrador das disposições bissexuais, expõe a maior complexidade do processo de tornar-se homem. Nele são levadas em conta tanto as identificações diádicas, com cada uma das figuras parentais, e do casal entre si, quanto as triangulares, através das relações que o casal mantém para com a criança.

O casal lhe serve de modelo para suas futuras relações de intimidade e para suas próprias identificações enquanto futuro genitor. Enquanto representação de relações de afeto, o casal permite à criança perceber que a masculinidade não precisa ser associada à frieza de sentimentos, à dominação e à brutalidade.

No que diz respeito às relações dos homens com as mulheres, as posições assumidas podem ser de horizontalidade, cumplicidade, e troca de experiências ao vivenciar o mundo. Além disso, a satisfação sexual pode se somar a dimensão da ternura, sem a necessidade de que uma rígida distinção entre a santa (que só emana ternura) e a puta (que só proporciona prazer) seja estabelecida. Mais ainda, ao perceber sua parceira igualmente como sujeito de desejo, sua obtenção de prazer se condiciona a também proporcionar-lhe prazer. Seguro de sua masculinidade, é possível demonstrar vulnerabilidade, medo, toda uma gama de sentimentos, desejo de ter filhos, dar amor, exercer a função de cuidar, proteger e dar limites.

Os efeitos sociais dessa forma de exercer a masculinidade poderiam facilitar o respeito pelo desejo, corpos, escolhas e funções exercidas não só pelas mulheres, mas também por outras formas de sexualidade e gênero, desde que as normas e práticas sociais, provenientes dos determinantes culturais, começassem a referendar essa atitude de maior tolerância. As novas configurações familiares exigem que as funções materna e paterna sejam pensadas enquanto função *simbólica*, podendo ser exercidas por qualquer designação de gênero, assim como por um núcleo de pessoas, o que exigiria pensar em um conceito de Édipo ampliado.

O padrão de complexidade se amplia. E ainda pode ser levada em conta a relação entre diversas famílias, gerações e culturas na formação dos efeitos que cada uma dessas influências produz na criança que, ao nascer, vai ocupar um lugar na família, na sociedade e na cultura. A atribuição pelo adulto de um sexo a ela contém a representação identitária de um gênero e de um casal, veiculando conteúdos conscientes e inconscientes sobre a designação dos gêneros e sua forma de relacionar-se. Bleichmar (2013) e Fiorini (2017a) oferecem essa contribuição ao tema ao trazer o pensamento de Laplanche (2000-2006/2018). Isso permite chegar à conclusão de que

a singularidade do sujeito é constituída pelo conjunto de suas reações individuais a esses múltiplos determinantes e influências, apontando para a importância do outro e da cultura em sua constituição.

Talvez, melhor que minhas próprias palavras, a letra da música *Masculinidade*, de Tiago Iorc, que será reproduzida em parte, possa resumir o *espírito* desse trabalho:

Ai, ai
Esse homem macho, machucado
Esse homem violento, violado
Homem sem amor, homem mal amado
Precisamos nos responsabilizar, meus amigos
A gente cria um mundo extremo e opressivo
Diz aí, se não estamos todos loucos
Por um abraço
Que cansaço
Cuidado com o excesso de orgulho
Cuidado com o complexo de superioridade, mas
Cuidado com desculpa pra tudo
Cuidado com viver na eterna infantilidade
Cuidado com padrões radicais
Cuidado com absurdos normais
Cuidado com olhar só pro céu
E fechar o olho pro inferno que a gente mesmo é capaz
Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real
Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real
Minha alma é profunda e se afoga no raso
Minha alma é profunda e se afoga no raso
Minha alma é profunda e se afoga no raso

Eu fico zozno
Eu fico triste
Eu sigo à risca
O que é ser homem
Isso não existe
A vida insiste
O tempo todo
Que eu repense
O que é ser homem?
O que é ser homem?
O que é ser homem?
(Iorc, 2021)

Masculinidades y pensamiento dicotómico

Resumen: Este trabajo buscó presentar dos teorías distintas sobre el proceso de construcción de la masculinidad con sus respectivas consecuencias psicosexuales, psicosociales y políticas, que convergen en sus cuestionamientos al pensamiento dicotómico. La complejidad de los procesos en curso en la construcción de las identidades de género y su determinación intersubjetiva y cultural fueron postuladas.

Palabras clave: masculinidad, machismo, identificación/desidentificación, lógica fálica, diversidad/diferencia

Masculinities and dichotomic thought

Abstract: This work intended to present two different theories about the process of constructing masculinity with their respective psychosexual, psychosocial and political consequences, that converge in their critique of dichotomic thought. The complexity of the ongoing processes in the construction of gender identities and their intersubjective and cultural determination were postulated.

Keywords: masculinity, machismo, identification/desidentification, phallic logic, diversity/difference

Referências

- Bleichmar, E. (2013). Intersubjective context of gender and sexuality. In E. Marí & F. Thompson-Salo *Masculinity and Femininity Today* (pp. 117-130). Karnac.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira.
- Corbett, K. (2009). *Boyhoods: rethinking masculinities*. Yale University Press.
- Diamond, M. J. (2013). Evolving Perspectives on masculinity and its discontents: reworking the internal phallic and genital positions. In E. Marí & F. Thomson-Salo *Masculinity and Femininity Today* (pp. 1-24). Karnac.
- Fiorini, L. G. (2017a). The decline of the father: paternal function or third-party function? In C. Holovko & F. Thomson-Salo *Changing sexualities and parental functions in the Twenty-First Century* (pp. 3-14). Karnac.
- Fiorini, L. G. (2017b). Novas Configurações Familiares: funções materna e paterna. In C. Holovko & C. Cortezi, *Sexualidades e gênero* (pp. 81-92). Blucher.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (pp. 95-131). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Iorc, T. (2021). *Masculinidade*. Som Livre.
- Laplanche, J. (2018). *Sexual. A sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Dublinense. (Trabalho original publicado em 2000-2006)
- Lyons-Ruth, K. (1991). Rapprochement or approachment: Mahler's theory reconsidered from the vantage point of recent research on early attachment relationship. *Psychoanalytic Psychology*, 8, 1-23.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Artes Médicas.
- Morin, E. (2015). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Sulina.
- Stoller, Robert J. (1982). A feminilidade primária. In H. Blum, *Psicologia feminina: uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 47-61). Artes Médicas.
- Tylim, I. (2017). Machismo and the limits of male heterosexuality In V. B. Pender, *The Status of Women. Violence, Identity, and Activism* (pp. 221-236). Karnac.

Lucia Maria de Carvalho Aragão

luciaragao@uol.com.br